



VAMOS FALAR SOBRE GÊNERO?: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A INSERÇÃO DA TEMÁTICA NO CURSO DE PEDAGOGIA DAS FACULDADES INTEGRADAS DE ITARARÉ (FAFIT)

LET'S TALK ABOUT GENDER?: A REPORT OF EXPERIENCE ON THE INSERTION OF THE THEME IN THE COURSE OF PEDAGOGY FACULDADES INTEGRADA DE ITARARÉ (FAFIT)

¿VAMOS HABLAR SOBRE GÉNERO?: UN RELATO DE EXPERIENCIA SOBRE LA INSERCIÓN DE LA TEMÁTICA EN EL CURSO DE PEDAGOGÍA DE LAS FACULDADES INTEGRADAS DE ITARARÉ (FAFIT)

*Edimauro Ramos*¹

RESUMO

O presente estudo se embasa na revisão bibliográfica e em um relato de experiência sobre a inserção da temática gênero no curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Itararé (FAFIT), no interior de São Paulo. Os dados obtidos apontam que os discentes mantêm o contato mínimo ou quase inexistente com a temática, fazendo com que seja cada vez menos fomentado no âmbito educacional, carecendo de reflexões.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Pedagogia. Formação.

RESUMEN

El presente estudio se basa en la revisión bibliográfica y en un relato de experiencia sobre la inserción de la temática género en el curso de Pedagogía de las Faculdades Integradas de Itararé (FAFIT), en el interior de São Paulo. Los datos obtenidos apuntan que los discentes mantienen el contacto mínimo o casi inexistente con la temática, haciendo que el tema sea cada vez menos fomentado en el ámbito educativo, carente de reflexiones.

PALABRAS CLAVE: Género. Pedagogía. Formación.

¹ Graduando em Pedagogia. Faculdades Integradas de Itararé (FAFIT).

ABSTRACT

The present study is based on the bibliographic review and an experience report about the insertion of the gender theme in the Pedagogy course of the Faculdades Integradas de Itararé (FAFIT), in the interior of São Paulo. The data obtained indicate that the students maintain minimal or almost nonexistent contact with the subject, making the subject less encouraged in the educational field, lacking reflections.

KEYWORDS: Gender. Pedagogy. Formation.

Considerações introdutórias: uma pedagogia do gênero ou para o gênero?

Adentrar nos Estudos de Gênero permite compreender e problematizar os enquadramentos produzidos pelos inúmeros espaços sociais. No entanto, ao olhar para o Ensino Superior, mais precisamente para o curso de Pedagogia, nota-se que tais currículos ainda se encontram “no armário”, sem muitos desdobramentos.

Qual é a brecha que a formação em Pedagogia tem oferecido para pautar as diversidades de gênero que atravessam os espaços educativos? Tem se proliferado uma “pedagogia do gênero”, que têm como matriz a dita “normalidade”, ou têm se repensado práticas que abranjam essas pautas numa perspectiva questionadora e subversiva?

Foucault (1997) já nos situava sobre os olhares ao redor sexo, da sexualidade, das expressões identitárias e de toda a vigilância e repressão exercida em torno de cada uma dessas vertentes. Deixando uma fenda para interpretação no que se refere à Pedagogia, ao ensino e as condutas sexuais que eram fortemente vigiadas, Foucault aponta que:

Através da pedagogia, da medicina e da economia, fazia do sexo não somente uma questão leiga, mas negócio de Estado; ainda melhor, uma questão em que todo o corpo social e quase cada um de seus indivíduos eram convocados a porem-se em vigilância (FOUCAULT, 1997, p. 110).

Louro (1999), partilhando das ideias foucaultianas, compactua com a percepção do espaço escolar, juntamente com as diversas instâncias sociais, sendo este um entre os inúmeros âmbitos que praticam e exercem uma pedagogia da sexualidade e do gênero. Segundo a autora, na área educativa, esses processos de subjetivação agem sob as premissas de dividir, classificar, exercer poder, afirmando que “os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder.” (LOURO, 1999, p. 41).

Ao estreitar os olhos para as possibilidades que a Pedagogia se propõe a desempenhar como uma ciência, cabem mais indagações: qual é o lugar do gênero no Ensino Superior? Qual é o respaldo que temos, como estudantes de graduação ou docentes, para falar abertamente sobre esse tema sem sermos passíveis de censuras, desaprovações e preconceitos advindos de uma concepção heteronormativa?

Com base nessas provocações, este artigo objetiva abranger os aspectos que endossam a presença do gênero e a busca pela sua igualdade no curso de Pedagogia, em detrimento à prática educativa fadada as concepções errôneas em torno das identidades de gênero e corpos insubmissos a esses enquadramentos.

Materiais e métodos

O relato de experiência visou retratar sobre as percepções dxs acadêmicxs no tocante aos estudos de gênero. Buscando contextualizar a devolutiva deles em torno do debate do assunto no respectivo curso, o presente artigo também se atém à revisão bibliográfica pertinente à temática gênero e Educação, Pedagogia e as relações de gênero, tendo como enfoque refletir sobre as representações, dando sustância aos resultados obtidos.

A iniciativa partiu de um trabalho bimestral da disciplina “Educação e Tecnologias”, que consistiu na elaboração de um material a ser disponibilizado aos demais estudantes, onde cada dupla ou trios de acadêmicxs deveria estruturar materiais de eixos temáticos variados (entre eles os temas esporte, autoestima, alimentação saudável e etc.) para serem postados em uma plataforma gratuita online, num espaço criado pela professora da disciplina.

O arquivo em PDF foi derivado de uma apresentação de slides sobre a temática gênero foi postado e pensado por mim, com o título “Vamos falar sobre gênero?”. O material foi estruturado de forma sintetizada, utilizando bastante elementos gráficos que facilitassem a compreensão dos discentes, bem como que atendessem aos objetivos da disciplina, porém, o mesmo teve embasamento teórico pertinente ao tema.

No entanto, foi oportuno levar essa ferramenta e essas informações além da plataforma e além de uma mera exposição, considerando o fato de que, na ementa do nosso curso não houve nenhuma disciplina que abrangeu ou favoreceu as discussões de gênero na perspectiva da Pedagogia e da Educação.

Sendo assim, com a finalidade de obter esses dados de forma mais concreta, foi elaborado e aplicado um questionário dissertativo contendo seis questões norteadoras a respeito do material. O questionário foi entregue impresso e pessoalmente aos alunos, os quais responderam às perguntas de forma manuscrita ou/e digitada.

Após a coleta das respostas, ocorreu um bate-papo no próprio horário de aula, no dia 25 de abril de 2019, no espaço das Faculdades Integradas de Itararé com os 14 dos 18 acadêmicos do 7º semestre do curso de Pedagogia, culminando as representações dxs acadêmics em torno da pauta. Após a devolutiva das respostas escritas por elxs, a bibliografia pertinente foi utilizada para análise desses resultados.

Para expor os dados das escritas dxs contribuintes da pesquisa, optou-se por preservar o anonimato dxs mesmxs, identificando-os com nomes fictícios.

O curso de Pedagogia e suas diretrizes curriculares: lugar do gênero

O curso de Pedagogia, para Libâneo (2001), é o campo do conhecimento que se restringe a estudar sistematicamente a educação, o ato educativo e a prática pedagógica como fator integrante da atividade humana, sendo interdependente aos aspectos e processos sociais. Sendo a Pedagogia um processo social que necessita abranger os aspectos educativos, Hameline (2005, p. 707), acredita que ela é um produto cultural.

Desde sua regulamentação em 4 de abril de 1939, o currículo de Pedagogia, como aponta Silva (2003), já se declarava plenamente definido. Porém, aconteceram transformações curriculares. A Resolução CNE/CP n° 01/2006, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, como ressalta Pereira (2014), abriu a possibilidade de delinear um curso de Pedagogia que se atentasse à uma perspectiva interdisciplinar, ou seja, que dialogasse com as esferas políticas, sociais e culturais.

No campo do gênero, da sexualidade e das identidades que escapam dos enquadramentos de gênero e assumem essa perspectiva sociocultural, as Diretrizes Curriculares estipulam os direcionamentos necessários para abranger os eixos temáticos voltados à diversidade e aos seus respectivos preconceitos, bem como, promover o respeito acerca das relações étnico-raciais e das necessidades especiais:

“Art. 5º: O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a: X-identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões

sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras; X - demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras.”(BRASIL, 2006, p. 2)

O referido documento menciona algumas possibilidades de implementar e solicitar a presença desses conteúdos nos cursos de formação, mencionando que os acadêmicos devem ser contemplados e se encontrarem aptos a atuar para conduzir esses debates na docência. No último parágrafo que se lê “escolhas sexuais”, vale destacar que essa terminologia é obsoleta, sendo substituída por “orientação sexual”. Silva (2015, p. 85), a respeito disso, crê que tal termo deve ser sim problematizado, todavia, devemos levar em questão a sua presença no documento como uma fresta para reivindicar suas discussões, juntamente com a de gênero, no Ensino Superior.

Tais mudanças no que se referem às diversidades, apesar de serem flexibilizadas ao decorrer dos anos, não soam tão inovadoras como transparecem ser. Gesser e Ranghetti (2011) apontam que, a estrutura curricular ainda conserva princípios tradicionais, acarretando um certo descompasso entre discurso, a prática e as demandas no campo da formação humana e profissional.

Nessa perspectiva tradicionalista que ainda se incorpora no currículo, seja ele qual for, Apple (1994, p. 59) ressalta que ele não deve ser meramente concebido como um apanhado de conhecimentos neutros, pois faz parte de “uma tradição seletiva, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo.” Compreende-se então que, apesar de o tema gênero figurar nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, os cursos de Pedagogia não preveem ou oportunizam muitas possibilidades para explorá-lo.

Kelly da Silva, a respeito de termos respaldo sobre a presença e debate das temáticas gênero e sexualidade no Ensino Superior, acredita que estarmos aptos para as premissas de igualdade, também é sinônimo de estarmos aptos para “questionar o silêncio que o currículo impõe sobre o gênero e a sexualidade e compreendê-lo como um campo em que se enfrentam diferentes e conflitantes concepções de saberes”. (SILVA, 2015, p. 84)

Silva e Ferrari (2011) sustentam o fato de que a incorporação desses assuntos é fundamental, pois “são os trabalhos que apresentam as temáticas de constituição do curso de Pedagogia e suas relações com a temática de gênero.” Contudo, o contato com

o tema gênero no âmbito do Ensino Superior, ainda mais no curso de Pedagogia, “[...] é uma forma primária de dar significado às relações de poder.” (SCOTT, 1990).

“Vamos falar sobre gênero?”: resultados da discussão no curso de Pedagogia

Na aplicação e distribuição do questionário que antecedeu o bate-papo em sala de aula, os discentes foram questionados sobre qual foi a receptividade do tema em nosso curso, assim como sobre alguns tópicos do material disponibilizado na plataforma online. A maioria dos acadêmicos do 7º semestre, no geral, foram positivos. Foram atribuídas notas de extrema relevância ao tema, menos a acadêmica Renata, a qual se sentiu insegura quanto ao tema exposto. Destacam-se as escritas:

É um assunto muito importante de ser trabalhado nas escolas e na graduação, visto que, contribui para uma educação mais inclusiva e de qualidade, sem preconceitos e discriminações. (Fernanda, acadêmica)

Acredito ser um tema extremamente importante de se abordar na atualidade, tendo em vista a falta de informação da população. (Alice, acadêmica)

O assunto é muito importante para o público em geral, pois é essencial que tenham conhecimento do que realmente esses conceitos significam, quais aspectos estão envolvidos e de que forma afetam e influenciam o dia a dia de todos. (Ana, acadêmica)

Quando vi o tema, logo pensei que poderia causar polêmicas e discussões em relação ao assunto. [...] Não mudei a minha opinião. (Renata, acadêmica)

Ao perceberem a contribuição da temática ao espaço do Ensino Superior e a sua relevância no contexto educativo, recorre-se à fala Amaral, Caseira e Magalhães (2016, p. 128) que estão convencidas de que é importante “(re) pensar algumas verdades: afinal, somos diariamente interpelados/as por discursos culturalmente produzidos.”

No que se refere ao apontamento da aluna Renata, nota-se que o gênero e toda as suas dimensões são tidas como tabus, paradigmas, causando um pouco de medo e desconforto. Castro e Ferrari (2016, p. 81) creem que muitas são as inseguranças e conflitos no ato de lidar com as sexualidades e gêneros nas instituições escolares, pois estão inseridas dentro dos valores familiares e embates religiosos.

Quanto à transformação de pensamento em se relacionar a temática e sobre terem presenciado a mesma na faculdade, xs acadêmicxs discorrem o seguinte:

Sempre achei o assunto muito importante, o “e-book” só reforçou isso. Que eu me lembre, não presenciei, ainda existe muito tabu sobre o assunto, e um preconceito muito grande. (Raquel, acadêmica)

Após a leitura (do material) reforcei a ideia de a sociedade atribuir e ensinar como devemos agir. É apenas uma questão que a sociedade impõe. Ao meu ver, as pessoas não precisam se comportar como a sociedade exige. (Maria, acadêmica)

Uma transformação não, até porque, partilho de algumas ideias expostas no “e-book”. Não presenciei, exceto as vezes que nós trocamos algumas ideias. Acho que por falta de formação e ao mesmo tempo o tema ser “polêmico”. (Rafael, acadêmico)

Houve (transformação), passei a entender melhor sobre o assunto, tirei várias dúvidas. O assunto ainda é um tabu para a maioria das pessoas, e muitas vezes, os professores não veem necessidade de falar a respeito. (Cláudia, acadêmica)

Félix (2015), confirmando o que foi descrito pelxs discentes, explicita que as temáticas gênero e sexualidade são, na maioria das vezes, consideradas inúteis pelos/as professores/as. Dias (2014) sobre esse panorama, aponta que por consequência desse silenciamento, uma quantia expressiva dos cursos de formação que não se aproxima dessas temáticas enfrenta dificuldades na prática educativa.

O acadêmico Rafael, ao citar a falta de formação dos docentes, e a acadêmica Cláudia ao dizer que há falta de interesse por parte deles, compactuam com a fala de Silva (2015, p. 104), em que a autora afirma que as possibilidades de tratar os temas existem, porém, o que falta é disposição para atuar nesse campo, pois, é quase certo que veremos o tema apenas quando alguém assumi-lo como sua forma de vivência

Ao serem questionados sobre a a ideia de incorporação da temática e o motivo de sua ausência no currículo de nossa graduação, bem como as possíveis lacunas em nossa formação, os argumentos dos estudantes foram bastante pontuais:

É necessário para que nós, como professores, saibamos tratar esses alunos dentro de sala e não excluí-los por serem “diferentes”. (Lúcia, acadêmica)

Acredito que deveria ser falado, pois há pessoas, famílias, docentes que não saberiam de que modo abordar sobre o assunto. (Isabel, acadêmica)

O estudo dessa temática é de extrema importância para nós, futuros docentes, pois a questão de gênero está presente no espaço escolar e os professores necessitam saber tomar decisões sábias para solucionar conflitos [...] (Maíra, acadêmica)

Ao meu ver, não há necessidade de estudar essa temática. Eu não tenho preconceito algum, mas acredito que só vá confundir a cabeça das crianças. (Renata, acadêmica)

Em torno do relato de Renata, vê-se uma brecha para contextualizar sua fala com o discurso que embasa a “ideologia de gênero”, na qual a sua consideração tem sido o carro-chefe das falas. Junqueira (2017, p. 44), refletindo sobre o pânico moral ao redor das pautas de gênero, discorre que, para os conservadores, a educação das crianças não deveria sofrer intromissões por da parte de escolas nesses aspectos, as quais ainda acabam sendo “campos de reeducação e doutrinação”. (JUNQUEIRA, 2017, p. 44)

A aluna Clara faz menção ao caráter omissivo e prevalente do preconceito a respeito do tema, e como ele tem sido silenciado:

[...] As poucas vezes que o assunto surgiu em sala foi através dos próprios alunos, e não dos professores; acredito que isso ocorra por dois fatores: um deles é a falta de conhecimento e relevância, a outra pela polêmica que que o tema pode causar. Infelizmente, a sociedade, ainda que de forma oculta (não tão oculta assim), é preconceituosa, e mesmo que lutemos contra a visão binária e a desigualdade de direitos, eles prevalecem.

Ao falar sobre o caráter oculto exercido pela sociedade no geral, a aluna Clara nos remete aos pressupostos foucaultianos, no fato de que a estruturação primordial das relações de poder estão em atender a sociedade “para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização interior: lá se trata continuamente do sexo”. (FOUCAULT, 2007, p. 34).

Sobre esse reforço das concepções heteronormativas, a discente Alice afirma que essa padronização é exercida “como se essa fosse a verdade irrefutável”, reafirmando que:

[...] tais concepções não passam de padrões sociais impostos. A escola, muitas vezes, entra como fortalecedora dessa padronização, resultando no preconceito com aquele que pensa e age diferente. Por isso, tratar desse tema na graduação é muito importante. (Alice, acadêmica)

Relacionando o depoimento acima com os grifos de Silva (2015, p. 89), a qual faz menção à docilidade dos corpos descritas nas relações de poder de Michel Foucault, é notória que essa disciplinarização seja alimentada posteriormente também nas formações de Ensino Superior, chegando às salas de aula nos níveis elementares.

Por fim, um dos últimos pontos norteadores da dissertação proposta foi se estariam seguros e saberiam lidar com as desigualdades de gênero na futura atuação docente, bem como, se estariam dispostos a buscar mais sobre a temática. A maioria das respostas penderam para o despreparo, exceto a resposta do aluno Rafael que respondeu que sim, que estaria preparado. Ao justificar, ele enfatizou: “apelarei para o respeito e empatia como espada e escudo.” As demais respostas foram:

Acredito que sim, mas se não tivermos uma boa formação, podemos ter problemas sérios no futuro em relação a esse tema. (César, acadêmico)

Responder essa questão é um fator complicado, pois, por mais que eu fale que saberia lidar [...], eu só saberei se realmente conseguirei quando estiver em sala de aula, na prática. (Lúcia, acadêmica)

Não sei. Acredito que para lidar com essas situações no ambiente escolar, deveríamos ter, no mínimo, um debate ou conversa mais aprofundado. (Fernanda, acadêmica)

A insegurança e as dúvidas dos alunos demonstram a importância que a formação e informação que cercam o gênero e a sua face subversiva são cada vez mais escassas no espaço do Ensino Superior. Diante desse emblema, constata-se que os acadêmicos não atribuem à culpa apenas aos professores e à faculdade, mas sim, na omissão exercida sobre o tema. Silva (2015, p. 97) vai além e discorre que “não estarem preparados para lidar com essa discussão é o argumento que utilizam para o silêncio que assumem.”

Comungando ainda das ideias de Kelly da Silva, cabe-nos a reflexão: “por que o silêncio prevalece, quando o tema em debate é gênero e sexualidade? Quem está preparado para lidar com este tema?” (SILVA, 2015, p. 97). Paulo Freire, que em suas palavras provocativas defende uma educação rumo à prática da liberdade, não se exime de trazer mais uma inquietação: “como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho?” (FREIRE, 2016, p. 138).

O bate-papo em sala

Após a coleta dos dados do questionário, foi proposto o bate-papo em sala de aula sobre o material e a temática em si. A ideia de o questionário anteceder essa discussão em sala de aula foi exatamente a de buscar compreender as pré-noções e ideias que os alunos tinham sobre o tema.

Assim sendo, optei por abordar essa temática tão complexa pelo fato de que na ementa de nosso curso nunca tivemos alguma disciplina ou algum momento nas aulas que abordassem sobre a diversidade de gênero ou diversidade sexual na perspectiva da Educação, sendo discutida brevemente apenas quando algum aluno trazia para o centro das discussões alguns casos isolados, mas nunca sob um olhar mais crítico.

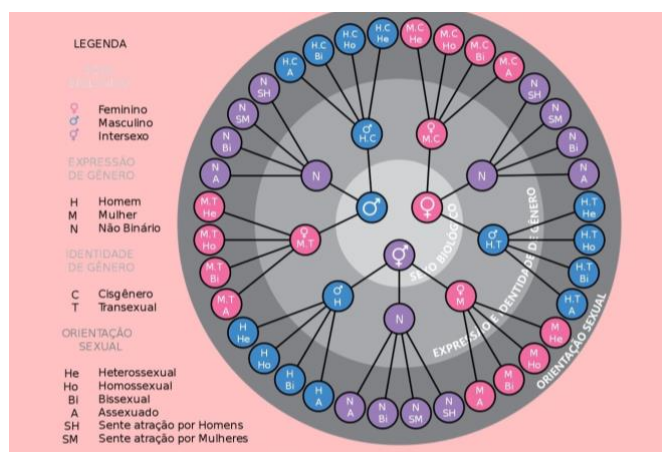
No que tange a isso, apelo ao pensamento de Altmann (2013), que profere que os cursos de graduação ainda são resistentes quanto à inserção dos assuntos relacionados ao gênero e sexualidade em seus currículos.

O bate-papo teve o foco apenas de culminar as respostas e percepções dxs discentes em torno do material, onde o mesmo foi reapresentado e esmiuçado novamente para todos.

Durante a representação do arquivo e ao pontuar alguns assuntos em sala de aula, notei que, especialmente, ao pontuar sobre compreensão individualizada da expressão de gênero, identidade de gênero, sexo biológico e orientação sexual, houve uma grande efervescência e algumas dúvidas, sendo o ponto mais alto da discussão.

Tal esquema figurava no PDF por meio de um desenho de mandala que remetia às inúmeras expressões de gênero e as diversidades sexuais. Utilizei de exemplos fictícios que englobavam a complexidade de desatrelar uma vertente da outra, porém, que exprimiam a interação entre elas para expressar nossa subjetividade como um todo.

FIGURA 1: Esquema em formato de mandala presente no arquivo



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mandala_da_Diversidade_Sexual.svg

Expressões de espanto com a dimensão e possibilidades foram expressas através de olhares de curiosidade e risos. Alice, acadêmica, descreveu a experiência que teve ao estreitar o contato com esse tópico no PDF:

Achei interessante e bem explicativo a diferença entre expressão e identidade de gênero, orientação sexual-afetiva e sexo biológico, pois é algo muito confundido. Inclusive, eu não conhecia a expressão de gênero não-binária. (Alice, acadêmica)

Uma das acadêmicas, ao compreender individualmente esses conceitos, pontuou, de forma genérica que [...] “quando a gente vê um homem afeminado, a gente acha que ele é (homossexual), mas ele é casado, tem namorada.” (Raquel, acadêmica). Contextualizando a fala de Raquel com a necessidade adequar os tópicos no Ensino Superior, Butler (apud MAC AN GHAILL, 1996) nos convence que “é crucial manter um aparato teórico que leve em consideração o modo como a sexualidade é regulada através do policiamento e da censura do gênero”.

Essas demarcações de gênero pontuadas pela estudante, ou seja, a feminização presente na expressão do homem, são regidas e punidas pela heteronormatividade, a qual se impõe “por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe as normas de gênero” (MISKOLCI, 2012, p. 44).

Por fim, sendo o curso de Pedagogia um curso formação de professores, mas antes de tudo, uma profissão que permitirá ter contato com diferentes pessoas, culturas, gêneros e sexualidades, é imprescindível que frisemos que o respeito e o direito à informação não lhe são diferentes, pois, por mais que pautemos sobre as premissas de respeito e de diversidade dentro desses (per) cursos, mesmo que de formas indiretas, nada fará sentido se suas desigualdades não forem problematizadas pelo currículo.

Considerações finais

Levados a refletir sobre o cotidiano sexista e intolerável quanto às pluralidades de gênero nos espaços educativos, sobretudo no Ensino Superior, somos movidos por muitas indagações. É certo que a graduação não engloba todos os conteúdos, mas, respeitar identidades e expressões que não se adequam às normatividades ou binariedades está longe de ter caráter conteudista, pois são de caráter humano.

As ideias e concepções trazidas por cada futurx pedagogx por intermédio do questionário e no bate-papo, mostra de forma acentuada a lacuna presente em nossa formação para às diversidades, a qual está cercada de anseios, ideologias e discursos que vão contra as premissas da Educação. A negligência quanto às formações, podem ser o reflexo das situações adversas que não saberemos mediar futuramente.

Referências

ALTMANN, Helena. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista latino-americana*, n. 13, p. 69-82, abr., 2013.

AMARAL, C; CASEIRA, F; MAGALHÃES, J. Artefatos culturais: pensando algumas potencialidades para discussão dos corpos, gêneros e sexualidades. In: RIBEIRO, Paula R. C.; MAGALHÃES, JONALIRA, C. (orgs.) *Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade*. Rio Grande, RS, Ed. da FURG, 2017. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/7097>. Acesso em: 28 abr. 2019.

APPLE, Michael W. *Ideologia e Currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP Nº 1. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em: 30 mar. 2019.

CASTRO, R., FERRARI, A. Educação, experiências religiosas, gêneros e sexualidades: algumas problematizações. In: RIBEIRO, Paula R. C.; MAGALHÃES, JONALIRA, C. (orgs.) *Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade*. Rio Grande, RS, Ed. da FURG, 2017. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/7097>. Acesso em: 28 abr. 2019.

DIAS, A. F.. Representações sociais de gênero no trabalho docente: sentidos e significados atribuídos ao trabalho e a qualificação. Vitória da Conquista: *Edições UESB*, 2014.

FÉLIX, J.. Gênero e formação docente: reflexões de uma professora. *Espaço do currículo*, v.8, n.2, p. 223-231, Maio a Agosto de 2015.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1997.

FOUCAULT, Michael. *Microfísica do Poder*. 24. ed. São Paulo: Graal, 288 p., 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 60ª ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro. 2016.

GESSER, V.; RANGHETTI, D. S. O currículo no ensino superior: princípios epistemológicos para um design contemporâneo. *Revista e-curriculum* [online], v. 7, n. 2, p. 1-23, Ago. 2011. Disponível em:

<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/6775/4902>. Acesso em: 6 abr. 2019.

HAMELINE, D. Pédagogie. In: CHAMPY, P.; ÉTÉVÉ, C. (Orgs.). *Dictionnaire encyclopédique de l'éducation et de la formation*. 3a. ed. Paris: RETZ, 2005.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: RIBEIRO, Paula R. C.; MAGALHÃES, JONALIRA, C. (orgs.) *Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade*. Rio Grande, RS, Ed. da FURG, 2017. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/7097>. Acesso em: 28 abr. 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. *Educar, Curitiba*, n. 17, p. 153-176. Editora da UFPR, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MAC AN GHAILL, M. *Deconstructing heterosexualities within school arenas*. Curriculum Studies. Vol. 4. 1996.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

PEREIRA, A. O curso de pedagogia e as novas diretrizes curriculares: análise crítica de um currículo escrito. *Espaço do currículo*, v.7, n.2, p.297-313, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/viewFile/20635/11384>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SILVA, C. S. *Curso de Pedagogia no Brasil: História e Identidade*. 2ª ed. Revista e ampliada. Campinas. Autores Associados. 2003.

SILVA, Kelly; FERRARI, Anderson. Gênero como ferramenta social e política na formação docente. *Instrumento-Revista de Estudo e Pesquisa em Educação*, v. 13, n. 2, 2011. Disponível em: <http://ojs2.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/view/18729>. Acesso em: 28 abr. 2019.

SILVA, Kelly. *Currículo e gênero: a sexualidade na formação docente*. 1ª ed. Curitiba Editora Appris, 2015.

Recebido em maio de 2019.

Aprovado em julho de 2019.